

DOSSIÊ – ARTIGOS

DESAFIOS DOS MEDIADORES DE LEITURA DIANTE DA PROPOSTA DE LEITURA DE UM LIVRO DE IMAGENS REALIZADA POR ADULTOS DA EJA

CHALLENGES FOR READING MEDIATORS BEFORE THE PROPOSAL OF READING A PICTUREBOOK MADE BY ADULTS OF EJA

DESAFÍOS DE LOS MEDIADORES DE LECTURA ANTE LA PROPUESTA DE LEER UN LIBRO DE IMÁGENES REALIZADO POR ADULTOS DE EJA

Rosana Aparecida Alves Reis¹
Francisca Izabel Pereira Maciel²

Resumo: Esse artigo tem como objetivo apresentar um recorte de uma pesquisa de mestrado sobre usos dos livros de imagens na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Centraremos nossas análises nos desafios dos professores ao experienciar, pela primeira vez, em suas práticas, a leitura e a mediação de um livro de imagens com estudantes da EJA; e o desafio dessa atividade ser realizada *on-line*, em função do isolamento social e físico da COVID-19.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos; livro de imagens; mediação e mediadores.

Abstract: This article aims to present an excerpt from a master's research on the uses of picture books in Youth and Adult Education (EJA). We will focus our analysis on the teachers' challenges when experiencing, for the first time, in their practices, the reading and mediation of a picture book with EJA students; and the challenge for this activity to be carried out online, due to the social and physical isolation of COVID-19.

Keywords: Youth and adult education; picture book; mediation and mediators.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar un extracto de una investigación de maestría sobre los usos de los libros de imágenes en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). Centraremos nuestro análisis en los desafíos de los docentes al experimentar, por primera vez, en sus prácticas, la lectura y mediación de un libro de imágenes con estudiantes de EJA; y el desafío de que esta actividad se realice en línea, debido al aislamiento social y físico del COVID-19

Palabras clave: Educación de jóvenes y adultos; libro de imágenes; mediación y mediadores

Introdução

Abordaremos neste texto a proposta da pesquisa, inicialmente planejada para ser realizada presencialmente; os fundamentos teóricos sobre o conceito de mediação e livros de imagens; as mudanças metodológicas em função da pandemia; os desafios dos professores para mediar a atividade proposta, ou seja, a leitura e mediação do livro de imagens através da tela do computador.

Os desafios iniciaram com a situação inusitada do isolamento social e físico causado pela COVID-19. O primeiro foi a mudança da proposta presencial para *on-line*. Como mediar sem

¹ Universidade Federal de Minas Gerais.

² Universidade Federal de Minas Gerais.

a presença física? Sem experiências prévias? Sem o “olho no olho” e o “aperto de mão”, (MACIEL; SANTOS, 2020), ações corriqueiras na EJA.

O segundo desafio, para os mediadores em particular, foi realizar a mediação de um livro de imagens. A falta de experiências e conhecimentos sobre esse tipo obra trouxe sentimentos de insegurança e questionamentos de como poderiam mediar. O que nos levou a realizar vários encontros de preparação para a implementação da ação de mediar a leitura de um livro de imagens junto aos educandos adultos. A princípio não estava previsto essa formação/orientações aos mediadores, pois supúnhamos que tivessem conhecimentos e experiências com livros de imagens em sala de aula.

Partimos do conceito de mediação fundamentado no pensamento vygotskyano de que a construção do conhecimento “implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas” (REGO, 2012, p. 87). Assim, ressaltamos a importância do professor ao mediar o processo de internalização por instrumentos materiais e psicológicos e da interação além do sujeito-sujeito, ampliando as mediações e suas relações pautadas na tríade: sujeito-conhecimento-sujeito.

A mediação, em seus aspectos gerais, pode ser entendida como um processo de intervenção em uma determinada atividade quer seja de leitura ou não, deixando de ser uma relação direta do sujeito para se tornar uma relação mediada (OLIVEIRA, 2010). No tocante à mediação de leitura, tendo como foco a leitura literária, trouxemos para dialogar conosco alguns autores e suas abordagens sobre o tema. Sendo assim, a mediação da leitura literária é entendida por Ramos (2013, p. 81) como “um aspecto fundamental para a promoção da leitura”, para Nunes (2020, p. 185) trata-se de um “fazer sensível e necessário para que a leitura e a produção de sentidos aconteçam”, em que pese, de acordo com Oberg (2014, p. 203), “para que existam leitores, é necessário que toda uma engrenagem se movimente, acionada por várias *chaves*: livros, mediações, mediadores, contextos socioculturais favoráveis, entre outras”.

Assim, ao colocarmos essa “engrenagem” em movimento, as “chaves” foram acionadas tendo como objeto de pesquisa o livro de imagens, e, como potenciais leitores convidamos educandos da EJA em seus três segmentos - alfabetização, ensino fundamental e ensino médio. Para o primeiro contato dos leitores com o objeto livro e suas possíveis leituras, criamos situações favoráveis que resultaram em encontros dinâmicos e produtivos entre os educandos e seus professores, que se fizeram mediadores em um contexto de pandemia com isolamento social obrigatório. Nesse contexto, os olhares dos mediadores, suas expectativas e percepções se tornaram relevantes para a pesquisa, haja vista que na perspectiva de Vygotsky, trata-se de uma ação partilhada e (com)partilhada.

Quanto aos livros de imagens, esses, de acordo com Belmiro (2014), contam histórias por meio de “imagens em sequências, [...] geralmente selecionando uma situação, um enredo e poucos personagens”. Para a pesquisadora, essas obras, na contemporaneidade, vêm se destacando pela sofisticação, cuidado e complexidade em suas narrativas visuais, o que pode despertar a atenção de crianças, de jovens e, também, de adultos, como seus leitores potenciais. Por outro lado, Ramos (2011, p. 110), de certa forma, comunga do mesmo pensamento de Belmiro (2014) ao acreditar “não [ser] absurdo projetarmos que autores comecem a pensar em livros feitos exclusivamente de imagens com foco em adultos”. Tais reflexões vão ao encontro do pensamento de Cademartori (s.d., p. 5) ao defender que,

se alguns livros do gênero se destinam à criança em etapa anterior ao letramento, outros, pela complexidade, atraem leitores de mais idade. O gênero, portanto, não é em si infantil. Cada livro de imagem traz implícito seu leitor. Ele pode ser para crianças menores; para crianças de qualquer idade; ao gosto de adolescentes; ou

próprios para adultos. A condição é que esses diferentes leitores saibam olhar e desfrutar a riqueza dos múltiplos recursos de um livro de imagens.

Nesse sentido, mesmo que, na prática, o direcionamento dessas obras, geralmente, ainda esteja voltado para o público infantil em processo de alfabetização, acreditamos em sua potencialidade, também, para o público adulto, haja vista a inclusão de livros de imagens, pelo extinto Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) em seus acervos direcionados para EJA nos anos de 2010, 2012 e 2014. Assim, a partir dessa inclusão, nos sentimos instigadas a buscar respostas sobre a relação dos educandos adultos com o objeto livro de imagens, tendo por objetivo analisar a produção de sentidos em suas possíveis leituras. Outro fator importante, que impulsionou a pesquisa, foi a escassa produção acadêmica sobre o tema, diante do levantamento bibliográfico realizado à época.

A COVID-19 e os desafios na e para a pesquisa

Não é novidade que as situações vivenciadas, mundialmente, no enfrentamento de contextos insólitos durante o período de pandemia, causada pela COVID-19, em que era urgente a adequação em todos os setores da humanidade, abarcando toda e qualquer atividade que se relacionasse ao contato físico social, os modos de fazer e conviver deveriam ser reinventados, perpassando pela convivência familiar, profissional, escolar, dentre outras. No entanto, se tornou imprescindível que as ações desenvolvidas para tais enfrentamentos fossem compartilhadas e publicadas, afinal vivemos momentos únicos, em que a interação remota trouxe consigo certo alento, oportunizou aprendizados e novas possibilidades de convivências.

Trazendo os grandes desafios, impostos pela pandemia, para o campo das pesquisas acadêmicas, também não foi diferente, independente do novo cenário, a produção de conhecimentos não podia parar. Era urgente a inovação nos modos de entrar e estar em campo, assim como as escolas que se reinventaram, alçando voos, para além de seus muros, com a implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Como? Ninguém sabia, não existia uma receita perfeita, tudo foi se construindo a partir das necessidades, dos aprendizados compartilhados, dos erros e dos acertos.

A pesquisa em questão, por exemplo, estava com seu desenho pronto em março de 2020, a entrada em campo era questão de dias, uma semana talvez, no entanto, o distanciamento social se instalou e se tornou obrigatório, para além de necessário, afinal o mais importante, naquele momento, era salvar vidas.

Em meio às incertezas relacionadas ao tempo de isolamento, suspensão temporária das atividades escolares, fechamento das escolas por tempo indeterminado, somando a tudo isso o medo, a angústia, ampliados pelo fato de o perfil dos sujeitos da pesquisa apontar, em sua maioria, para o grupo de risco, surgiu a necessidade de readequação da metodologia a esse novo contexto (REIS, 2021, p. 66).

Inicialmente, ancorada em uma abordagem qualitativa, a pesquisa pretendia utilizar o método de observação participante e entrevistas semiestruturadas para coleta dos dados, tudo isso alinhado ao referencial teórico. É preciso destacar que, apesar de mantermos a mesma abordagem e os mesmos métodos para a coleta dos dados, estes passaram por adaptações.

Na proposta inicial seriam realizadas rodas de leituras com características aproximadas aos Círculos de leitura, em que “um grupo de pessoas que se reúnem em uma série de encontros para discutir a leitura de uma obra” (COSSON, 2014, p. 32), e, neste caso, as obras deveriam ser adequadas ao público adulto. A intenção era que os livros fossem escolhidos pelos próprios sujeitos da pesquisa – estudantes da EJA, em um universo de 46 livros de imagens pré-selecionados por

nós, dentre esses, integravam a lista os seis títulos que fazem parte do acervo PNBE/EJA. Quanto aos participantes, o intuito era de realizar as rodas de leitura com todos os estudantes, separado por turmas, nos três segmentos do Programa de Educação de Jovens e Adultos da UFMG, selecionando posteriormente, dentre estes, um número menor de participantes para as entrevistas.

Diante do novo cenário, apresentado para o campo da pesquisa, a primeira decisão se pautou na adaptação dos encontros presenciais em encontros virtuais, para isso não seria viável que os encontros acontecessem em grupos e sim em duplas – estudante e mediador. Devido às especificidades dos sujeitos da pesquisa, que demandou um olhar diferenciado para essa modalidade de ensino, como mostra a reportagem realizada em 19 de agosto de 2020 pela TV UFMG³, convidamos um professor⁴ de cada segmento, que se fizeram mediadores dos encontros.

Assim, as observações da pesquisadora deixaram de ser participante, com anotações em cadernos de campo e gravações audiovisuais, para se tornar não participante, assistindo, gravando e analisando os encontros síncronos diante de uma tela de computador com câmera e microfones desligados, no intuito de não constranger os participantes. Sobre isso, Somekh e Jones (2017, p. 638) destacam que “o observador sempre causa algum efeito nas pessoas a quem observa, que no pior dos casos podem ficar tensas e ter uma forte sensação de estarem representando e até de serem inspecionadas”. No que concerne à observação não participante Marconi e Lakatos (2003, p. 193) defendem que,

na observação não-participante, o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado.

Dando prosseguimento às mudanças e ou adaptações no processo, o segundo passo foi definir como seria a seleção da obra que iria ser apresentada aos participantes, uma vez que não seria mais viável a escolha do livro por todos, devido à impossibilidade de oportunizar aos participantes o acesso às obras. Destarte, em um encontro virtual entre orientadora, orientanda e um aluno de pós-doutorado em educação, optamos por escolher apenas um livro, seguindo alguns critérios, levando em consideração que cada participante deveria receber um exemplar do livro escolhido para a pesquisa.

Com base no acervo do PNBE para EJA, descartamos os demais títulos e focamos nas seis obras do Programa (Quadro 1), visto que os seis títulos que compõem o acervo já atendiam ao primeiro critério – que fosse uma obra adequada ao público da EJA.

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	PNBE ANO	TEMA(S)
A árvore do Brasil	Nelson Cruz	Peirópolis	2010	Relações do homem com o meio ambiente
O artesão	Walter Lara	Abacatte	2012	Música / Interação

³ Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/release/ufmg-inicia-atividades-remotas-da-educacao-de-jovens-e-adultos>. Acesso em: 02 nov. 2022.

⁴ Os educadores, participantes do Programa, são discentes da graduação dos diversos cursos de licenciatura da UFMG que abraçam a oportunidade de vivenciarem, na prática, a docência, através dos Projetos de extensão que fazem parte do Programa de EJA da UFMG, como professores em formação.

1 Real	Federico Delicado Gallego	Jogo de Amarelinha	2014	Cotidiano / Diferenças sociais / Sonhos
Mergulho	Luciano Tasso	JPA	2014	Relações interpessoais / Família / Trabalho
Quando Maria encontrou João	Rui de Oliveira	Singular	2014	Amor / Separação / Reencontro
O voo da Asa Branca	Soud	Prumo	2014	Seca / Migração / Amor / Separação

Quadro 1 – Livros de imagens indicados para EJA pelo PNBE – Fonte: Reis (2021, p. 77).

Os demais critérios estavam ligados ao tema da obra e à sua estrutura física, em que buscamos no objeto livro o mínimo de paratextos possíveis, para que esses não adiantassem o enredo proposto por seu criador, como, por exemplo, a sinopse na quarta capa ou em orelhas.

Após as análises, o livro selecionado foi *Mergulho* de Luciano Tasso (Figura 1).



Figura 1 – Capa do livro Mergulho – Fonte: Tasso (2015)

A partir da escolha do livro providenciamos para que cada participante – educandos e mediadores – recebessem o livro em casa, em embalagens de presente cuidadosamente confeccionadas por nós, seguindo protocolos de segurança. Logo,

os exemplares foram comprados e entregues pelos Correios e logo após o recebimento, as embalagens externas foram devidamente descartadas e a embalagem plástica que envolvia os livros, higienizadas. Os livros ficaram em quarentena por sete dias; período igual foi respeitado após a manipulação desses para serem enviados aos participantes da pesquisa. Todos os procedimentos para realização da pesquisa, os quais demandaram cuidados sanitários, seguiram, como orientação, os protocolos de segurança para uso e conservação de acervos do Sistema de Bibliotecas da UFMG em tempos de pandemia (REIS, 2021, p. 79).

À medida que os estudantes confirmavam, com os mediadores, o recebimento do livro presente, os encontros eram agendados e realizados por meio de uma plataforma de comunicação virtual, de modo síncrono, tendo como objetivo uma conversa sobre o livro e, quando possível, a realização de sua leitura. Por fim, foram realizados sete encontros entre educandos e mediadores, em que todos os participantes afirmaram que ali tinha uma história a ser contada através das imagens. Assim, realizaram a leitura do livro, em meio a surpresas e estranhamentos, sentimentos esses que afloraram desde o recebimento do livro em suas casas. Diante do livro de imagens, valendo do processo de mediação, narrativas foram construídas pelos participantes da pesquisa, trazendo para a trama seus conhecimentos de mundo, ora com descrições das cenas, ora recordando e descrevendo fatos vivenciados desde a infância, ora criando histórias por meio da imaginação.

Assim, considerando a relevância do papel do mediador para a leitura literária, de modo geral, e das relevantes contribuições trazidas para a pesquisa, em particular, optamos por realizar entrevistas com os mediadores no intuito de entender como foi para eles mediar a leitura de um livro de imagens junto a educandos da EJA.

O olhar dos mediadores: da preparação dos encontros às leituras mediadas/dialogadas

Ao definir o termo “mediadores de leitura”, Reyes (2014, [n. p.]) destaca como sendo “pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem”.

No tocante à pesquisa, para que os professores/mediadores pudessem criar as condições necessárias para mediar os encontros, em que a leitura literária partiria de um livro de imagens, foi preciso uma formação introdutória. Inicialmente, nosso objetivo seria de apresentar e discutir questões que iriam nortear a interlocução entre mediador e estudante. Entretanto, fomos surpreendidas com a inexperiência dos professores/mediadores com os livros de imagens. Todos os nossos encontros se deram, também no formato *online*, valendo-se do *Google meet*, sendo este um serviço de comunicação por vídeo, muito utilizado à época.

Voltando ao processo de formação dos mediadores, foram encontros riquíssimos, de orientações e aprendizagens para ambas as partes, que resultaram em um roteiro, tendo este a finalidade de guiar os encontros entre educandos e mediadores. A falta de experiência com o novo formato de encontros *on-line* gerou insegurança, um sentimento visível nesses encontros de formação, afinal todos nós estávamos passando por momentos singulares em nossas vidas, por outro lado, os mediadores tinham pouco ou nenhum conhecimento sobre livros de imagens. No entanto, a falta do contato com esse tipo de obra não prejudicou em nada a pesquisa, a pré-disposição dos três mediadores foi fundamental, uma vez que o fazer do mediador, na prática, de acordo com Nunes (2021, p. 183), envolve a disposição para conhecer o livro que irá mediar, exercendo o seu papel de leitor antes de ser mediador. Além disso, o responsável pela mediação assume a função de propiciar a produção de sentido e não de conduzi-la”. E essa disposição não faltou aos colaboradores da pesquisa, haja vista o depoimento do mediador Diego⁵:

quando eu recebi o livro, em casa, a primeira coisa que eu fiz foi folhear, para ter uma noção geral, li umas três vezes antes da nossa reunião [de orientação], eu pensei: ‘gente, espero que esteja fazendo uma leitura certa’, então, na reunião, cada um conseguiu partilhar um pouco da visão que teve do livro e da história, pensei: ‘ok! Acho que a minha visão está coerente com as visões que estão sendo

⁵ Os pseudônimos dos participantes da pesquisa – mediadores e educandos – foram escolhidos por eles.

postas aqui', então isso me acalmou um pouco e também me deu mais confiança nos momentos das mediações (DIEGO, US16:14)⁶.

Assim como Diego, as mediadoras Lú e Ana Júlia também expressaram ansiedade e insegurança: Ana Júlia, por exemplo, relata que sua insegurança estava relacionada ao fato de não acreditar que seria possível fazer uma mediação de um gênero que ela mesma não tinha familiaridade, e destaca: “*mediar a leitura de um livro escrito é mais tranquilo, a gente tem um suporte ao qual estamos acostumados e que limita, apesar de ser ampla a liberdade de interpretação, limita mais do que a imagem*” (ANA JULIA, US17:16).

Para a mediadora Lú, a sua maior preocupação e dificuldade estavam atreladas ao fato de ser à distância,

de depender da tecnologia, depender de apoio, por exemplo, 'eu era a mediadora, mas eu precisei do auxílio de outras pessoas além de mim, só a minha mediação não foi suficiente, porque sozinhos eles não dariam conta de acessar a sala, eles precisaram, por exemplo, do apoio das filhas, no caso'. No presencial não seria assim, seria uma mediação direta (LÚ, US15:35).

Desse modo, os encontros foram ancorados pela abordagem dialógica bakhtiniana (BAKHTIN, 2010; BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014; MACHADO, 1996), sendo os mediadores orientados a agirem naturalmente, com conversas dialogadas, uma vez que o próprio livro já propiciava essa dialogia. O intuito era que não se prendessem ao roteiro, que evitassem transformar os encontros em simples entrevistas. Vale destacar que o princípio norteador dos encontros foram as especificidades dos educandos, em que, cada um, a seu modo, conversasse sobre a obra e realizasse a leitura do livro.

No tocante ao “ato dialógico”, este foi concebido por Bakhtin “como um evento que acontece na unidade espaço tempo da comunicação social interativa, sendo por ela determinado. Com isso, Bakhtin passa a entender tudo o que é dito como determinação rigorosa do lugar de onde se diz” (MACHADO, 1996, p. 225).

Diante do material coletado nos encontros, as análises iniciais apontaram para a necessidade de compreender a relação dos educandos com o livro de imagens e suas leituras a partir do olhar do mediador. Por conseguinte, optamos por realizar entrevistas individuais, semiestruturadas com os mediadores. Destacamos que a análise dos dados contou com o aporte teórico da Análise Textual Discursiva (ATD), contando com recursos tecnológicos do *software Atlas.ti*, que nos proporcionaram a construção de redes de categorias, como nos mostra (Figura 2) para a análise dos dados, no que se refere às mediações do livro de imagem pelos olhares dos mediadores.

⁶ O método utilizado, na pesquisa, para identificar e destacar as falas dos sujeitos foi inspirado em Sousa e Galiazzi (2017), em que os excertos foram identificados por “USx:y” antecedidos pelo nome do sujeito participante. Sendo que US refere-se à Unidade de Significado extraída dos textos transcritos – corpus de análise –, “x” representa o número do documento inserido no software Atlas.ti para análise e “Y” refere-se à ocorrência numérica da unidade de significado no texto, ou seja, o número da citação, lembrando que esta identificação é dada automaticamente pelo software no momento da unitarização do texto. Ver: SOUSA, Robson Simplicio de; GALIAZZI, Maria do Carmo. A categoria na análise textual discursiva: sobre método e sistema em direção à abertura interpretativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 514-538, dez. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/130/97>. Acesso em: 08 nov. 2022.

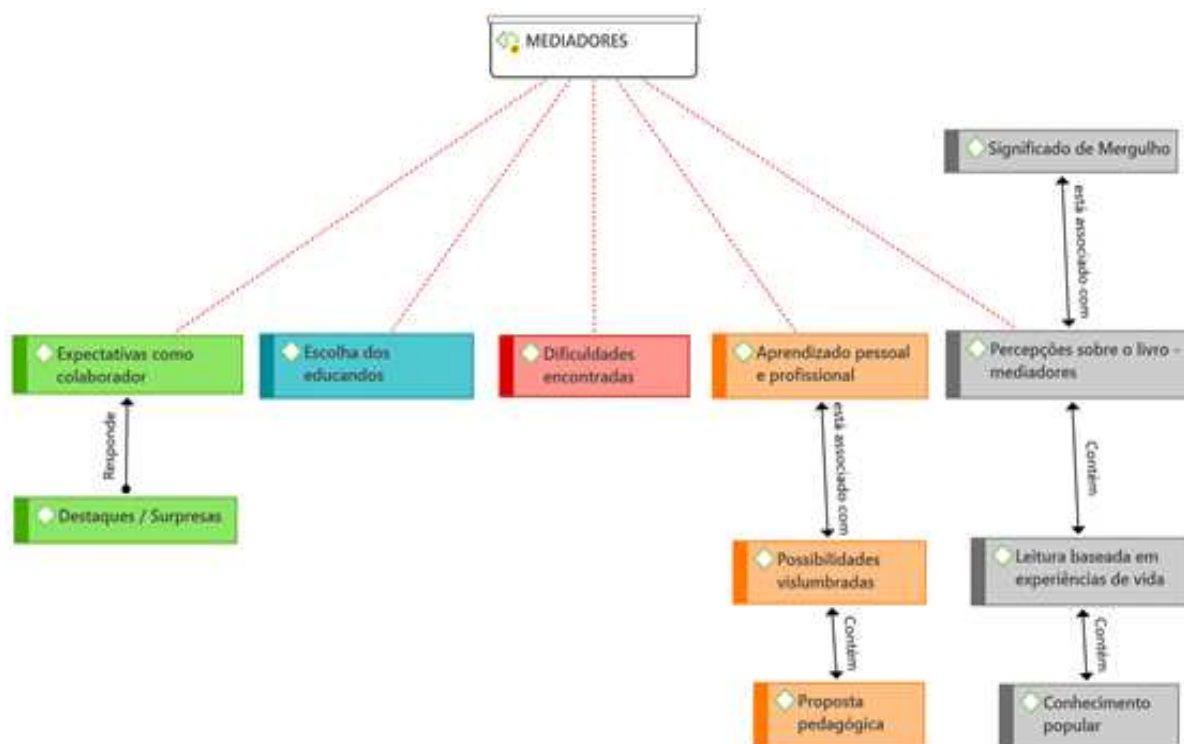


Figura 2 – As mediações do livro de imagem pelos olhares dos mediadores – Fonte: Reis (2021, p. 145)

A partir da rede de categorias (Figura 2) foi possível analisar desde as expectativas criadas por eles, ao serem convidados para atuarem como colaboradores da pesquisa, passando pelas escolhas dos educandos, as dificuldades encontradas, relatos sobre os aprendizados que a pesquisa lhes proporcionou, chegando às suas próprias percepções sobre o livro de imagens.

Tudo isso, em um primeiro momento, foi permeado pelo medo e insegurança, pois entenderam se tratar de um desafio, o qual se mostrou ainda mais evidente pelos modos como a pesquisa se daria – distantes fisicamente, porém unidos por uma tela.

Para minimizar os desafios, durante os encontros, as escolhas dos educandos, participantes da pesquisa, foram realizadas pelos próprios professores, que se fizeram mediadores, uma vez que, por conhecerem seus estudantes teriam certa facilidade em contatar e avaliar as reais condições que cada um teria para participar dos encontros. Como destaca Reyes (2014, [n. p.]) “o trabalho do mediador de leitura não é fácil de reduzir a um manual de funções. Seu ofício essencial é ler de muitas formas possíveis [...] além de livros, um mediador de leitura lê seus leitores: quem são, o que sonham e o que temem”. Para Soares e Paiva (2014, p. 14) “vale apostar numa relação cúmplice e aproximada entre mediador e os alunos, em que aquele promova e incentive manifestações – palavras, gestos, avaliações, comentários – dos jovens e adultos diante do que leem”.

Sobre as expectativas iniciais, destacamos o depoimento da mediadora Ana Júlia, em que, essas foram guiadas, primeiramente, por sentimentos de “egoísmo” e ao mesmo tempo de “colaboração”:

Minha expectativa inicial foi um pouco egoísta, não vou negar, porque eu não conhecia livros de imagens, então eu vi uma possibilidade de conhecer o gênero e de descobrir como trabalhar com ele, [...] de uma forma que eu tivesse contribuindo para uma pesquisa, aí é a parte altruísta da coisa, ((risos)) que eu aprendesse, contribuindo também. Outra expectativa foi uma forma de trazer os estudantes, mesmo que em número reduzido, mais para perto, nesse contexto que já afasta a gente naturalmente [...] (ANA JÚLIA, US17:1-3).

No que concerne aos aprendizados pessoais e profissionais, o destaque ficou na descoberta do livro de imagens e nas possibilidades de levar esse tipo de leitura para a vida e para a sala de aula como propostas pedagógicas de leitura interpretativa. Visto que, para a mediadora Lú (US15:26-28) o livro possibilitou “*a interpretação espontânea [...] de imagens, eles foram estimulados a pensar, interpretar e raciocinar, uma vez que eles não tinham tido ainda essa experiência, foi inédito para eles*”.

Sobre as percepções dos mediadores nas leituras do livro *Mergulho*, estas foram ancoradas em histórias de vida, conhecimentos populares, em viagens realizadas ou ainda apenas desejadas, as quais contribuíram para o preenchimento dos vazios deixados pelo autor da obra. Diante do visto, do vivido e das análises dos dados podemos inferir que os participantes da pesquisa, educandos e mediadores, se transformaram em coautores da obra, por meio de narrativas oralizadas, mediante a leitura visual do livro. Cada um, com suas histórias, seus conhecimentos de mundo, suas expectativas e interesses, leram o livro, talvez, como nunca tiveram a oportunidade de ler.

Considerações finais

Trazer para o público adulto uma obra literária cujas características físicas e textuais, para muitos, inclusive estudiosos do tema, a coloca como sendo um livro para crianças, foi um tanto desafiador. Porém acompanhar essa experiência de interação entre autor-texto-mediador-leitor, vivenciada pelo público da EJA, confirmou a nossa concepção de que,

trabalhar com a literatura, sobretudo na EJA, significa ensinar a decifrar os códigos linguísticos, bem como, a interpretar e a compreender para além desses códigos. Implica saber como esses sujeitos interagem com o aprender e o apreender, em que tudo isso sinaliza para o processo de conhecer e conviver com a interdisciplinaridade na escola e, dessa maneira, transpondo os seus muros (Reis, 2021, p. 18).

Para além do seu objetivo inicial de avaliar a produção de sentidos na leitura de um livro de imagens por estudantes da EJA, a pesquisa trouxe contribuições significativas para a formação do professor mediador. Os depoimentos dos três professores/mediadores, ao final do processo confirmam isso. A mediadora Lú destacou que apesar de já ter trabalhado com imagens em turmas de alfabetização, este se resumia às figuras isoladas e que a experiência da pesquisa lhe impulsionou a buscar por outros títulos do mesmo gênero textual, visando trabalhos futuros. Para o mediador Diego, mesmo conhecendo e tendo trabalhado com esse tipo de obra junto às suas turmas de EJA, a pesquisa lhe proporcionou outros olhares para a mediação da leitura com o livro de imagens, visto que anteriormente ele utilizou das imagens de um livro e não a leitura mediada da obra, como um todo, pelos educandos. A Ana Júlia, por sua vez, destaca que vai levar o livro de imagens para a sua vida pessoal e profissional, uma vez que, admitindo ser inconcebível não ter conhecido, até aquele momento, o livro de imagens enquanto objeto e suas potencialidades para a formação do leitor, independente da idade.

Como objeto da pesquisa, o uso do livro de imagens a despeito da idade, da modalidade de ensino e do nível escolar dos educandos, mostrou que “o trabalho com a linguagem na escola, independente [de ser], verbal ou visual, existe para que se ampliem as práticas de comunicação, de produção de sentido, de conhecimento de novos modos de ler e interagir com o mundo” (NUNES, 2021, p. 173).

Outra contribuição, que destacamos, aponta para as novas possibilidades de atuação desses profissionais diante das adversidades que, porventura, possam surgir em suas práticas pedagógicas, explorando novos meios de aprendizagem, quer sejam no modo presencial ou virtual.

Referências

BAKHTIN, Mikhail [VOLOCHÍNOV, V. N.]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 16. ed. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BELMIRO, Celia Abicalil. Livro de imagens. *In*: FRADE, I. C. A. S.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. C. (Org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014, [n. p.], *online*. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/livro-de-imagens>. Acesso em: 03 nov. 2022.

CADEMARTORI, Ligia. **Para pensar o livro de imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, s.d. Disponível em: <https://bit.ly/3CirojH>. Acesso em: 04 nov. 2022.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

MACHADO, Irene A. Os gêneros e a ciência dialógica do texto. *In*: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Ed. UFPR, 1996. p. 225-271.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira; SANTOS, Sônia Maria dos. A história da alfabetização de adultos no ensino, na pesquisa e na extensão da UFU e da UFMG (1986-2019). **Cadernos de História da Educação**, v. 19, n. 1, p. 24-41, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/52686/28133>. Acesso em: 29 out. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NUNES, Marília Forgearini. Uma proposta didática para a mediação da leitura de um livro de imagem. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 22, n. 2, p. 182-198, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/218788/001121478.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 out. 2022.

NUNES, Marília Forgearini. Leitura mediada do livro de imagem para o letramento visual e sensível de crianças. **Claraboia**, Jacarezinho, n. 16, p. 169-185, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218802>. Acesso em: 29 out. 2022.

OBERG, Maria Silvia Pires. Onde estão as chaves? Considerações sobre a formação do leitor e a fruição literária. *In*: BELMIRO, C. A.; MACIEL, F. I. P.; BAPTISTA, M. C.; MARTINS, A. A. **Onde está a literatura?** Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014, p. 203- 209.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010. (Pensamento e Ação no Magistério).

RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura na escola**: da concepção à mediação do PNBE. Caxias do Sul: EducS, 2013. *E-book*. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/literatura_escola_ebook_2.pdf. Acesso em: 04 nov. 2022.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Conversas com o Professor; 2).

REGO, Teresa Cristina. Pressupostos filosóficos e implicações educacionais do pensamento vygotskiano. In: REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 68-96. *E-book*. (Educação e conhecimento).

REIS, Rosana Aparecida Alves. **O livro de imagens pelos olhares de estudantes e mediadores da Educação de Jovens e Adultos**. 2021. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

REYES, Yolanda. Mediadores de leitura. In: FRADE, I. C. A. S.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. Castro (Org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Trad. E. G. Almeida. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014, [n. p.], *online*. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>. Acesso em: 29 out. 2022.

SOARES, Magda; PAIVA, Aparecida. Introdução. Introdução. In: CENTRO de Alfabetização, Leitura e Escrita da UFMG (Org.). **PNBE na escola**: literatura fora da caixa – educação de jovens e adultos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. p. 11-18. (Guia 3, Educação de Jovens e Adultos).

SOMEKH, Briget; JONES, Liz. Observação. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. (Org.). **Teoria e método de pesquisa social**. 2. ed. Trad. R. A. Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 628-661. *E-book*. Disponível em: https://leitor.arvore.com.br/e/livros/ler/teoria-e-metodos-de-pesquisa-social?p=7NFGTOQK3QK-X4eaw_BQ. Acesso em: 28 out. 2022.

TASSO, Luciano. **Mergulho**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

Sobre a autora

Rosana Aparecida Alves Reis: Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da UFMG. Graduação em Biblioteconomia pela Escola de Ciência da Informação da UFMG. Bibliotecária do Centro Pedagógico/EBAP/UFMG.
E-mail: rosanaalvesreis@gmail.com.

Francisca Izabel Pereira Maciel: Doutorado em Educação/UFMG. Pós-doutorado/PUC/SP (2005-2006), UFPB (2010-2011) e na Universidade do Minho (2016-2017). Professora Titular da Faculdade de Educação/UFMG.
E-mail: emaildafrancisca@gmail.com.